



‘ETYMOLOGIAS, PRETO’: SENTIDOS DA NEGRITUDE EM DISPUTA NO PERIODISMO CARIOCA (1900-1920).

SILVA, Luara dos Santos
Aluna do Programa de Pós Graduação em Relações Étnico-Raciais – PPRER/Cefet -RJ
luarasantos.07@gmail.com

233

RESUMO

Tendo como “fio condutor” a trajetória do intelectual negro Hemetério José dos Santos, o presente texto se propõe a analisar os modos pelos quais as noções de cor e raça eram utilizadas no periodismo carioca, entre os anos de 1900 e 1920, bem como os discursos racistas veiculados pelo mesmo. Os principais periódicos selecionados para esta discussão, *Tagarela*, *Fon-Fon* e *Careta*, se dedicavam à satirização do cotidiano da cidade e de seus personagens importantes: políticos, intelectuais, governantes. Os “figurões” da cidade não escapavam das palavras e charges afiadas desses veículos de comunicação. O intelectual negro Hemetério José dos Santos fez parte do grupo dos “notáveis” ironizados. Enquanto homem negro, bem sucedido e polêmico, ele era alvo constante de troças racistas nas páginas de tais periódicos. Como ferramenta contrária a esse quadro, se utilizava das páginas de outros periódicos na disputa por dar novos sentidos à negritude. Discutiremos as relações entre investimentos simbólicos em negatar os negros, hierarquias raciais e a construção de novos significados para negritude.

Palavras-chave: raça; periodismo carioca; negritude.

ABSTRACT

This paper aims to analyse the ways in which the notions of colour and race were intensely disputed in the Rio de Janeiro's journalism, between 1900's and 1920's, and racist discourses conveyed by it, using as “guiding thread” the black intellectual Hemetério José dos Santos' trajectory. The main journals selected for this discussion, *Tagarela*, *Fon-Fon* and *Careta*, were dedicated to satirize the life of the city and its major characters: politicians, intellectuals, governors. Important people have not escaped the sharp words and cartoons of these communication vehicles. The black intellectual Hemetério José dos Santos was part of this "notable" satirized group. As black, successful and polemic man, he was constant target of racist mockery pages of such journals. Hemetério, teacher at the renowned school Colégio Militar, used the pages of other journals in contention for giving new meanings to blackness. Thus, we will discuss the relation between symbolic investments in turn into negative black people, racial hierarchies and the construct of new meanings to blackness.

Keywords: race; Rio journalism; blackness.



Aqui há quatro anos passados, um estudioso gramático brasileiro supôs enxergar na palavra ‘preto’ o vocábulo latino - ‘spetrum’, de ‘sperno’, desprezar.

Assim o pensou, por imaginar também que o trabalho, por servidão, havia lançado o negro no mais baixo estado de vida e trato nas relações sociais.

Não lhe cabia razão nenhuma, nem histórica, nem literária e nem socialmente visto o caso que se vai examinar.

O trecho acima integra o artigo publicado pelo professor Hemetério José dos Santos, no periódico carioca *Almanaque Garnier*, em 1907, intitulado *Etymologias – preto*¹. Nas três páginas que se seguem, seu autor se utiliza de conhecimentos históricos, etimológicos e literários para afirmar categoricamente que a palavra “preto” nada tem de sentido pejorativo. De acordo com as suas reflexões nem a palavra nem o ser preto poderiam ser entendidos enquanto sinônimos de coisas ruins ou desprezíveis. Sua linha argumentativa é a escravidão e ele entende que o sentido negativo dado à palavra estava diretamente associado à condição cativa sob a qual seus patrícios negros estiveram durante três séculos. Percorrendo a história da humanidade, Hemetério demonstra que a condição escrava era muito mais antiga que a conhecida em terras brasileiras, tendo sido experimentada não somente pelo negro, mas também pelo branco. Nesse trajeto pela história, o intelectual negro analisa também as origens de palavras como “cativo”, “escravo”, “servo”, “ethiope”, sempre reforçando o caráter não pejorativo e não associado exclusiva e diretamente aos negros. Em suas palavras, o termo “escravo” passa a ser utilizado com sentido de servo a partir do século XII, “sem distinção de cor e nacionalidade”².

Lançando mão de produções literárias portuguesas, como a de Luiz de Camões, Hemetério reforça seus argumentos contrários aos sentidos negativos conferidos à palavra “preto”:

O que é certo é que, como vimos, esta palavra era já corrente nas composições genuinamente populares, no século de quinhentos, e que o contemplativo Luiz de Camões não a excomungou do seu épico e lírico vocabulário (...)³

¹ Periódico Almanaque do Garnier, 1907, pp.237-239.

² Idem. Página 237.

³ Ibidem. Página 238.



Em outubro de 1913 o jornal *O Imparcial* publica um artigo de autoria de Hemetério, em resposta ao intelectual Alcindo Guanabara, proprietário do periódico *A Imprensa*. Este último, ferozmente ataca o fato de o professor ter recorrido ao político Pinheiro Machado em carta particular, buscando tratar de questões relativas às dificuldades enfrentadas por homens negros como ele em ocupar determinados espaços sociais e políticos. De acordo com Alcindo, “preconceito de raça”, “má vontade contra o negro, ódio ao negro, repulsão ao negro”, não se verificavam na sociedade brasileira. A questão se explicaria, então, pelo simples fato de que em seu tempo eram “raros os negros de inteligência, energia e ‘saber querer’”. Ou seja, a questão não seria racial, mas de cunho individual. Recorrendo ao pensamento científico da época, fortemente influenciado pelas teorias raciais em voga na época, Alcindo defende que:

(...) a raça definha, absorvidos os seus melhores elementos pela raça branca, mais numerosa e possuidora das melhores qualidades para a luta (...)

(...)A raça depauperada já não produz tipos dessa grandeza [dos que se mostravam fortes o bastante para defenderem publicamente sua negritude]. Há o que dizem como o professor Hemetério: ‘nós os negros...’ Mas, a esses é uma lástima ouvi-los: a confissão é sempre um grito de angústia e fraqueza – um brado de impotência clamando misericórdia aos homens de pele branca.⁴

Fazendo uso de seus conhecimentos em literatura e história, mais uma vez, Hemetério se utiliza de textos de Camões e outros pensadores para reforçar seus argumentos contrários aos discursos que negativam a negritude. Tanto o escritor português, quanto o jurista português Gil e o tenente P. Roeckel, da infantaria colonial francesa, em tempos históricos distintos, registram boas observações dos povos africanos e negros com os quais tiveram contato⁵. O artigo, intitulado “Resposta ao Sr. Alcindo Guanabara”, ocupou três das cinco colunas do jornal e ainda contava com uma fotografia de seu autor. Em seu desenvolvimento,

⁴ Jornal *A Imprensa*, 29/09/1913, 1ª página. Rio de Janeiro.

⁵ Hemetério destaca alguns versos de Camões em que o poeta luso, ao narrar sua viagem pela África, reforça as virtudes dos negros de “bons vizinhos” e respeitadores das leis. Já em relação ao jurista português Gil, ele destaca a fala deste em relação à ausência de “expostos” e de “prostituição”. Quanto ao tenente francês, ele destaca a “admiração” do militar em relação à “moralidade da família negra”. Todas essas observações positivas em relação ao negro expostas por Hemetério foram escritas e publicadas por seus autores, ou seja, de conhecimento público nos meios letrados e que o intelectual negro toma como tarefa divulgá-las e, como consequência, torná-las de amplo conhecimento entre os círculos letrados brasileiros.



o intelectual defende seu posicionamento em favor das boas qualidades do negro e sua importância para a formação da nação brasileira. De acordo com ele:

(...) o negro nunca foi estúpido, fraco, imoral ou ladrão.

(...) Todos sabem como o negro, em pouco tempo, vinculando-se ao solo, perdendo o hábito de nomada, adquiriu a rudimentar ciência conhecida de seus dominadores, e se tornou o único lavrador nosso, a quem, na mingua e na má qualidade dos alimentos, o inclemente sol respeitava, desenvolvendo-lhe, sem letras e sem livros, a inteligência portentosa pelo calor que lhe derramava no cérebro, dando-lhe admiráveis qualidades assimiladoras, tornando-o de cedo o só operário nosso da cidade, o abridor de roteiros, o prático de estradas de ferro, o artesão, o artista, nos vários aspectos da estética, cantor em desafios, repentista e tropeiro, tudo isto no estado de incultura, empiricamente...(...)

Nunca a honra nacional teve defensor mais esforçado, mais dedicado e de mais épicas varonilidades. (...)

(...) e foi também o defensor da honra e da dignidade nacional nas cruentas e barbaramente trágicas campanhas do norte e do sul, ahi pela auroreal e fecunda regência de D. João VI, e pelo enamorado governo de Pedro I, e pelo luminoso e redentor reinado de Pedro II, o imperador letrado.

Do eito saíam, repousavam as enxadas e as foices, empunhavam as armas, e libertos pelo dinheiro que eles próprios haviam ganho lá iam, completamente esquecidos dos maus tratos recebidos, caminho da vitória, fazendo triunfador o seu torrão querido(...)

Ao longo do artigo são mencionados diversos outros exemplos de personalidades negras, como Gonçalves Dias, Alexandre Dumas, Tobias Barreto, assim como o movimento insurgente da Balaiada, para reafirmar seus argumentos. Ao utilizar como fontes as produções literárias de intelectuais notáveis e respeitados socialmente, entendidos como referências de “bom gosto” e daquilo que era “melhor” em termos culturais, o intelectual negro movimentava-se no sentido de legitimar seus posicionamentos. Ou seja, não era apenas ele quem defendia as “boas qualidades” dos negros, mas também homens europeus, símbolos da cultura e da “evolução”. Nesse “palco de disputas” em que se converte o uso da linguagem, conforme aponta BAGNO (2011), Hemetério optou por utilizar-se das mesmas ferramentas legitimadoras de uma dita, e socialmente vivenciada, “supremacia branca” na construção de outros discursos e olhares em relação ao ser negro. O tom de seu artigo é extremamente áspero e o mesmo não mede palavras ao criticar os argumentos de seu opositor, pois, de acordo com ele, “causa nojo ler” o que Alcindo havia escrito e o que este deveria “ler de novo” o que escrevera e perceber o “quão injusto e mau fora para nossa gente”.



A postura veemente na defesa das qualidades do negro é uma característica destacada por alguns de seus contemporâneos, assim como alvo das pilhérias e ironias publicadas nas revistas satíricas que serão analisadas mais adiante. Nas palavras do intelectual Luiz Edmundo, Hemetério era “um tanto discutidor” e isso acabava por “lhe criar algumas antipatias”⁶.

Na contramão dos investimentos do intelectual Hemetério caminhavam as revistas satíricas *Tagarela* (1902-1910)⁷, *Fon-Fon* (1907-1915)⁸ e *Careta* (1909-1919)⁹. Suas “ímpiedosas” páginas não deixavam escapar das críticas contumazes, e por vezes ácidas, nenhuma das personalidades importantes do cenário republicano. Dentre diferentes artigos, notinhas, notícias sobre eventos, se encontram referências ao professor Hemetério e seu “patrício”, Monteiro Lopes. São sátiras e críticas políticas, tais como as endereçadas aos demais “figurões” da época, entretanto o que mais se destaca é um conteúdo racial explicitamente preconceituoso. Silvia Almeida e Rogério Silva em estudo sobre as formas de representação caricatural do negro na Primeira República reúnem reflexões importantes sobre esse contexto histórico¹⁰. Ambos apontam ser esse contexto o de tensões em torno na presença do negro na sociedade brasileira, especialmente em espaços de ascensão social. Outro aspecto importante destacado se refere à relação entre a construção de uma cultura letrada e de massas e o periodismo. Tais autores apontam que as revistas em questão:

Estabeleciam um diálogo profundo com a sociedade e com a modernidade carioca, inaugurando novas formas de leitura (ler e ver imagens; incorporar sons do cotidiano) e captando as mudanças políticas e de costumes, os

⁶ O Rio de Janeiro do meu tempo. Artigo publicado no Jornal Correio da Manhã, em 04/08/1935.

⁷ A revista *Tagarela* iniciou suas publicações em março de 1902 e tinha por objetivo ser um “Semanário crítico, ilustrado e de propaganda comercial”. Sob a direção de Peres Junior, tinha colaboradores “variados e escolhidos”. Seu escritório localizava-se na Rua Gonçalves Dias, Centro do Rio de Janeiro.

⁸ A revista *Fon-Fon* iniciou suas publicações em 1907 e intitulava-se “Semanário alegre, político, crítico e esfuziante”. Sua redação e oficinas localizavam-se na Rua da Assembleia, Centro do Rio de Janeiro. Foi dirigida até o ano de 1914 por Raul Pederneiras.

⁹ De acordo com o historiador Nelson Werneck Sodré, a revista *Careta* começou a circular em 1908, sendo fundada por Jorge Schmidt.

¹⁰ ALMEIDA, Silvia Capanema e SILVA, Rogério Sousa. *Do (in) visível ao risível: o negro e a “raça nacional” na criação caricatural da Primeira República. Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 26, nº 52, p. 316-345, julho-dezembro de 2013.*

‘ETYMOLOGIAS, PRETO’: SENTIDOS DA NEGRITUDE EM DISPUTA NO PERIODISMO CARIOCA (1900-1920) – SILVA, Laura dos Santos.



novos ritmos sociais, as inovações tecnológicas e gráficas, as correntes artísticas recentes (...) (ALMEIDA; SILVA, 2013, p.319)

A Abolição e instauração de um novo regime político, a República, engendram mudanças significativas para a vida da população negra. Porém, as mudanças significaram muitas das vezes a *manutenção* de muitos dos elementos anteriores, entre eles o preconceito racial e das desigualdades sociais. O tempo do novo regime político, da República, é o tempo também da chamada “Belle Époque” na cidade do Rio de Janeiro; é o tempo das grandes demolições e dos “bota - abaixo” empreendidos pela administração do prefeito Pereira Passos¹¹.

Com uma população de quase um milhão de habitantes¹², o Rio de Janeiro de fins do século XIX e início da República sentia as mudanças em sua composição social: chegada massiva de imigrantes europeus, algo que vinha ocorrendo desde a década de 1870, mas que foi se intensificando nos anos posteriores, e as relações diretas travadas com a população negra e parda da cidade¹³. Isso significa dizer que a cidade estava pontilhada de diversidade, tanto étnica quanto cultural, e que era palco de intensas disputas e conflitos. Disputas também de caráter simbólico, em meio às demarcações sociais implícitas que entendiam o negro como pertencente ao lugar da subalternidade. Nos anos iniciais da República, entre fins do século XIX e início do XX, o momento da chamada *Belle Époque*, em que a cidade do Rio de Janeiro vive um processo de europeização dos costumes visíveis até mesmo na própria arquitetura da cidade¹⁴, lá está o professor a polemizar e rebater críticas e injúrias raciais. A sociedade que viveu a libertação oficial dos negros escravizados não conseguia associar a condição social de negro ao *status* de “bem sucedido”.

¹¹ Discussão feita em meu trabalho monográfico, já citado anteriormente, a partir de apontamentos desenvolvidos nas obras *Trabalho, Lar e Botequim* e *Quase cidadãos*, pelos autores Sidney Challoub e Flávio Gomes respectivamente.

¹² MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. 2ª edição — Rio de Janeiro; Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995. Pag. 63.

¹³ ARANTES, Erika Bastos. *Negros do porto – Trabalho, cultura e repressão policial no Rio de Janeiro, 1900-1910*. In: *Trabalhadores da cidade: cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX*. Elciene Azevedo et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

¹⁴ DANTAS, Carolina Vianna. O Brasil café com leite. Debates intelectuais sobre mestiçagem e preconceito de cor na Primeira República. *Revista Tempo*, Niterói, (v. 13, nº 26): 56-79 jan 2009.



Para muitos dos seus contemporâneos, como é evidenciado nas páginas das revistas “para fazer rir”, Hemetério estava “fora do lugar”. Entretanto, não se pode perder a dimensão dialética e conflituosa desse processo, pois o intelectual negro não somente sofria as consequências do racismo, mas buscava interferir sobre as mesmas, como evidenciado anteriormente. De acordo com BAGNO (2011, p.64), os sujeitos não vivem esmagados sob ideologias e estruturas sociais, facetas do universo social, mas, ao contrário, possuem uma agência e muitas das vezes são capazes de se utilizar das brechas existentes para burlá-las. É fundamental pensar a construção e a manutenção das hierarquias raciais na sociedade brasileira do pós-abolição através das manifestações e dos discursos racistas. Porém, é também de suma importância evidenciar a agência negra no movimento de superação desse quadro, mesmo que tais estruturas não tenham sido desconstruídas por completo.

Outro aspecto importante a ser destacado se refere à “polifonia quanto ao lugar do negro” presente nas caricaturas das revistas ilustradas em questão, conforme apontado por ALMEIDA e SILVA (2013, p.340). Nas páginas dos jornais estava presente essa polifonia de discursos e mesmo entre os intelectuais e homens das letras do Rio de Janeiro da *Belle Époque*. E é neste contexto em que se situam as iniciativas do professor Hemetério. A sociedade que, de um lado, convivia e até aceitava que alguns homens de cor ascendessem socialmente e ocupassem posições de prestígio era e mesma que, de outro, sustentava velhos preconceitos e práticas discriminatórias. Essa mesma sociedade, a do “Brasil café com leite” (DANTAS, 2010), estava, assim, pontilhada de vozes, entendimentos, consensos e dissensos em torno da questão racial. Estava marcada, também, por assimetrias que guardavam em sua gênese a ordem hierárquica escravocrata e que, de acordo com GUIMARÃES (2009, p.256), não foi superada com a Abolição e nem com a República.

Pensar a manutenção do racismo é pensar na continuidade dessa ordem hierárquica escravocrata por meio de estruturas sociais excludentes como o não acesso pela maioria da população afrodescendente à educação formal, o não acesso à terra, bem como a desigualdade de condições no acesso ao mercado de trabalho. Esta reflexão necessita também incorporar o papel da linguagem e dos discursos engendrados por meia dela na consolidação de visões estereotipadas do negro e que se materializam em práticas racistas. De acordo com BORGES e GIORGI (2014, p.167), “a linguagem é fundamental na construção dos modos de ser e pensar de sujeitos e culturas”. Ou seja, um contexto histórico-social estruturado por meio do racismo é construído através de diversos recursos ideológicos e discursivos, legitimadores das



hierarquias. No caso da sociedade brasileira, esses recursos se mesclam ao forte discurso da não existência do racismo em nosso seio. Ainda de acordo com BORGES e GIORGI (2014, p.175), perpetuou-se no imaginário social a naturalização de hierarquias construídas a partir das noções de raça e cor.

As páginas das revistas “para fazer rir” se inserem dentro desse contexto histórico em que “natural” era encontrar o negro nos lugares da subalternidade e não o da erudição, da polidez, da intelectualidade e do domínio da cultura letrada. “Natural”, para muitos que certamente riam bastante com as páginas desses periódicos, eram os usos de palavras como “macaco” e “símio” para se referirem ao professor Hemetério e os demais negros notáveis como ele. A seguir destaco algumas das passagens encontradas entre as mais de cem ocorrências relacionadas ao professor e algumas ao deputado Monteiro Lopes. Tais revistas por vezes se utilizavam de pseudônimos como “M. Ethereo” “M. Terio”, “Cemitério”, “Meterio”, ao se referirem ao professor ou mesmo atribuírem-lhe a autoria de artigos ou frases como esta publicada por *Careta*: “A prova mais evidente de que o homem descende do macaco, é que quando se sente perdido se agarra a todos os ramos”¹⁵. Outra publicação satírica, em 1909, caminha na mesma direção:

O programa da *Careta* é a *careta* do próximo. No entanto, não podemos publicar o retrato de muita gente. (...).
Deixou de sair o retrato do sr. Professor Meterio por uma circunstância especialíssima. O nosso fotógrafo não conhecia o sr. Meterio. Em vez de procura-lo à porta da Escola Normal, tocou-se para o Jardim Zoológico e assentou a máquina para a gaiola de um símio bem simpático é verdade, mas que em todo caso não é precisamente a respeitável veronica do respeitável pedagogo brasileiro.

Menções à cor e ao fenótipo do intelectual negro, assim como os do deputado Monteiro Lopes, eram constantes e sempre em tom satírico. A *Careta* noticia, também em 1909, ter recebido carta de leitor se opondo às caricaturas e troças feitas com a figura do político, ao que responde estar “na massa do sangue” da publicação. Associações à África, também em tom satírico, estavam presentes nas páginas do periódico em questão. Em 1909 a revista noticia que “o Sr. M.Ethereo dos S. iria requer sua nomeação como embaixador no Congo”; alguns anos depois, em 1913, a mesma reporta que o “simpático matutino carioca” e

¹⁵ Revista *Careta*, s/d. Assinado sob o pseudônimo “M. Ethereo”.



“vigoroso defensor das virtudes etíopes”, se candidataria a “qualquer cousa” e contaria com a “solidariedade morena da sua raça”. Mais adiante, em setembro 1919, ao noticiar um evento no Palácio do Catete em presença do presidente da república Epitácio Pessoa, o periódico nomeia os presentes e dentre esses o “simbólico africano Hemetério”. O mesmo recurso era utilizado em relação ao deputado Monteiro Lopes, associado à Libéria pela *Careta* em abril de 1909¹⁶. Outra publicação da revista, em outubro de 1910, em seu calendário satírico associa São Benedito, santo católico negro, como padroeiro de ambos. Note-se que as associações e ironias, explícita ou implicitamente, expressam um conteúdo racial e o lugar do negro como o do “risível”, tal como apontam ALMEIDA e SILVA (2013).

Em abril de 1909, *Careta* publica pequeno texto assinado sob o pseudônimo “Zagloba” e que evidencia o grande desconforto em relação à possibilidade de uma inversão de hierarquias por parte dos negros:

E por falar em macacos os pretos agora entenderam de fundar em nosso país uma cousa que não existia: o preconceito da cor.(...)

Está aí no que deu toda intrigalhada feita em torno do caso Monteiro Lopes! Agora os brancos vão ver o que é perseguição (...)
Porque os pretos perderam a paciência e querem enfim tomar o lugar que lhes compete: vão dar a nota. Isto quer dizer muitas cousas entre as quais que o que hoje nós chamamos ‘cabelo ruim’ vai agora ser chamado ‘cabelo bom’.

As mesmas comparações e ironias, associando tanto Hemetério quanto Monteiro Lopes a símios e primatas se verificam durante o período abordado neste texto nas revistas *Tagarela* e *Fon-fon*. Em 1903, *Tagarela* passa a publicar uma coluna intitulada “Lições de Mythologia”, contendo artigos satíricos e com o intuito de ironizar o intelectual Medeiros e Albuquerque¹⁷. No artigo intitulado “A criação do homem”, de 16 de abril de 1903, o autor, sob o pseudônimo de “Dr. Medeiros”, discorre sobre a criação do homem, lançando mão de

¹⁶ De acordo com LOPES (2004, p.387) a Libéria, ou “país dos libertos” foi uma nação formada por ex- escravos estadunidenses que emigraram para o continente a partir da primeira metade do século XIX, tendo por auxílio principal a atuação das sociedades filantrópicas emancipadoras.

¹⁷ José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque foi professor, jornalista, poeta, político, romancista e fundador da cadeira de número 22 na Academia Brasileira de Letras. Foi uma figura bastante atuante no cenário intelectual e político carioca. Foi também diretor geral da Instrução Pública do Distrito Federal (Rio de Janeiro). Fonte: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=526&sid=235>. Consultado em 16/07/14, às 14h30min.



perspectivas criacionistas e darwinistas. Em relação a esta última, colocada em patamar diferenciado da primeira, por ser comprovadamente científica, o autor do texto conclui:

Assim é que se entre mim e um gorila há aparentemente grande dessemelhança, essa mesma dessemelhança já é bem pequena entre ele e o ilustre conselheiro V. Anna, tornando-se ainda quase nula se tomar-se para termo de comparação o meu distinto amigo M. Ethereo, que é quem entre nós representa com mais perfeição esse nosso primata.

242

Em março de 1908 a revista Fon-Fon publica em sua “folhinha” (calendário) a seguinte nota:

No dia 3 o S. Hemetério ou Hemetério dos Santos. Continuam as loucuras do carnaval.
Grande sucesso dos Cucumbis¹⁸ municipais que vão dançar no pedagogium em homenagem ao dedicado educador natural da Liberia.

Outra publicação da mesma revista, fevereiro de 1909, intitulada “Os três filhos de Rozendo”, contam uma historieta satírica de um casal que tem um filho “tão escuro e tão carapinha” como o professor Hemetério. Ao se justificar, a esposa diz ao personagem que o fato ocorrera devido a ela ter assistido aos discursos do deputado Monteiro Lopes e de ter pensado e mesmo sonhado com ele por diversas vezes. Em seus sonhos, a mulher via o político por vezes como um “monarca coberto de riquezas”, por outras o via como um “macacão desabusado, tal qual um gorila”.

É importante pensar a respeito da recepção desses discursos por parte da sociedade carioca, problematizando o impacto da veiculação tanto de textos quanto de caricaturas que estereotipavam a figura do negro num contexto recém-saído da escravidão. Ou seja, tais veiculações eram consumidas por determinados públicos, podendo ser rejeitadas ou reproduzidas nas relações cotidianas. De acordo com DANTAS (2010, p.38) o período compreendido entre fins do XIX e início do XX se configura como de expansão do comércio de edições periódicas. Esse processo de expansão significou enorme investimento por parte

¹⁸ Em “Carnavais da Abolição: diabos e cucumbis no Rio de Janeiro (1879-1888)”, NEPOMUCENO (2011, p.201-225) propõe reflexões em torno desses grupos carnavalescos compostos por homens e mulheres negros que saíam ruas vestidos como africanos e cantavam as belezas da África. Disponível em: <http://emancipacoeseuposabolicao.files.wordpress.com/2014/02/pronex-carnavais-da-abolic3a7c3a30-eric-brasil-nepomuceno.pdf>. Acesso em: 21/07/2014, às 11h40min.



dos que o empreendiam: manutenção das publicações e assinaturas; divulgação; captação de investidores e colaboradores dispostos a investir em propagandas nas páginas dos mesmos, conquista de um público leitor, dentre outros esforços. Vale ressaltar os altos custos na produção desses periódicos, como salienta a autora, especialmente devido aos altos custos com o papel que precisava ser importado. Ainda de acordo com DANTAS (2010, p.41), o público leitor desses periódicos era composto pelas camadas urbanas, letradas e alfabetizadas, englobando funcionários públicos, profissionais liberais, homens de letras, estudantes, homens de negócios e comerciantes, dentre outros.

No clássico estudo sobre a história da imprensa no Brasil, SODRÉ (1999, p. 302) caracteriza tais revistas semanais como bastante populares, especialmente *Careta* que em suas palavras (...) *tornou-se popular como nenhuma outra, encontrada nos engraxates, barbeiros, consultórios, etc.* Ainda que estejamos falando de um contexto de elevado índice de analfabetismo entre a maioria da população, como aponta MACIEL (2008, p.03), havia uma crescente alfabetização dos seus moradores. Assim, como salienta a autora, no ano de 1906 havia na cidade do Rio de Janeiro um percentual de 59,8% de pessoas alfabetizadas e “leitoras em potencial”. Não cabe nos limites deste trabalho aprofundar a discussão sobre *como* se deram as recepções desses discursos racistas, entretanto não se pode negar que os mesmos circulavam entre amplos espaços e eram claramente voltados a questionar, ridicularizar, fazer troças dos sujeitos negros que porventura tenham ousado sair do lugar da subalternidade.

Considerações finais

Ao longo de três séculos de escravidão a sociedade brasileira e seus diferentes grupos sociais, compostos por indivíduos brancos, negros, “mulatos”, “mestiços” ou quaisquer que sejam as demais denominações, experienciou a manutenção e o reforço de hierarquias raciais das mais variadas formas. É importante ressaltar que tais hierarquias encontraram suporte tanto nas leis vigentes, como a que legitimava e oficializava a instituição da escravidão, quanto em discursos e práticas sociais cotidianas em que a cor da pele, mais clara ou mais escura, e os traços fenotípicos se configuravam enquanto símbolos do que era “bom”, no primeiro caso, e “ruim”, no segundo. Ou seja, além das barreiras concretas como falta de acesso a terra, à educação formal, inerentes à própria condição de escravizado, havia também o investimento simbólico em negativar o ser negro. Esse investimento simbólico, que teve



efeitos muito concretos na vida da população negra, não cessou ao raiar da Abolição da escravidão. Ao contrário, se manteve e foi reforçado, incidindo diretamente sobre as possibilidades de ascensão e mudança do lugar social ocupado pela maioria da população negra.

Desse modo, é de suma importância considerar a relação dialética entre manutenção das hierarquias e as disputas em torno da transformação das mesmas. Ainda que saibamos que discursos precisam ser transformados em ações concretas para que possam engendrar transformações reais, não podemos de modo algum descartar a importância dos mesmos nesse processo. Nesse mesmo movimento dialético devemos pensar nas relações entre as estruturas racistas e excludentes e as formas pelas quais sujeitos negros como o professor Hemetério buscaram escapar a elas. Positivar a negritude e o negro na história do Brasil foram ferramentas utilizadas por esse sujeito histórico. E por isso reafirmo a importância de reconstituir a trajetória deste sujeito e sua importância nas disputas simbólicas em torno do lugar do negro na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvia Capanema e SILVA, Rogério Sousa. Do (in) visível ao risível: o negro e a “raça nacional” na criação caricatural da Primeira República. *Em: Estudos Históricos*, vol. 26, nº 52. Rio de Janeiro: CPDOC, julho-dezembro de 2013, p. 316-345.

ARANTES, Erika Bastos. *Negros do porto – Trabalho, cultura e repressão policial no Rio de Janeiro, 1900-1910*. *Em: Trabalhadores da cidade: cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX*. Elciene Azevedo et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BORGES, Roberto Carlos da Silva e GIORGI, Maria Cristina. Discurso, propaganda e estereótipos raciais: uma questão de segurança. *Em: MÜLLER, Tânia Mara Pedroso e*



COELHO, Wilma de Nazaré Baía (org.). *Relações Étnico-Raciais e Diversidade*. Niterói: Editora da UFF, Alternativa, 2014, 165-178.

DANTAS, Carolina Vianna. *O Brasil Café com Leite: mestiçagem e identidade nacional em periódicos: Rio de Janeiro, 1903-1914*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2010.

_____. O Brasil café com leite. Debates intelectuais sobre mestiçagem e preconceito de cor na Primeira República. *Em: Revista Tempo*, v. 13, nº 26. Niterói: UFF, janeiro de 2009, p. 56-79.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. *Racismo e antirracismo no Brasil*. 3ª edição. São Paulo: Editora 34, 2009.

LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MACIEL, Laura Antunes. O popular na imprensa: linguagens e memórias. *In: Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão*. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Laura%20Antunes%20Maciel.pdf>. Último acesso em: 21/07/2014, às 13:10hrs.

MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

NEPOMUCENO, Eric Brasil. *Carnavais da abolição: diabos e cucumbis no Rio de Janeiro (1879-1888)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011. Disponível em: Disponível em: <http://emancipacoeseuposabolicao.files.wordpress.com/2014/02/pronex-carnavais-da-abolic3a7c3a3o-eric-brasil-nepomuceno.pdf>. Acesso em: 21/07/2014, às 11h40min.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.